

A CASETTA E A FORMAÇÃO CAVANIS

Pe. Alvise Bellinato

Um começo humilde

Em 27 de agosto de 1820, na festa de São José de Calasanz, Pe. Antônio e Pe. Marcos Cavanis decidiram iniciar oficialmente a nova Congregação das Escolas de Caridade.

Pe. Antônio tinha deixado sua própria casa, mais bonita e mais digna, para entrar numa velha casinha, pobre e úmida, chamada por ele e seu irmão Padre Marcos “a casetta”¹. Com Pe. Antônio, haviam quatro jovens: O clérigo Pietro Spernich, Matteo Voltolini e Angelo Cerchieri, e como servo o jovem Pietro Zalivani. Trata-se de um começo humilde e silencioso: poucas pessoas, hospedadas em uma estrutura muito pobre. Antes de entrar nesse ambiente que será o berço da nova Congregação religiosa, os dois irmãos pediram ao pároco que abençoasse as instalações.

Nesta data, o padre Marcos não conseguiu seguir o seu irmão. Ele ficou em casa, no dever filial para cuidar da mãe já idosa; mas ele estava somente aparentemente fora da casetta, porque espiritualmente ele sofria por não ter seguido seu irmão, e materialmente ele continuou a dar todas as suas energias ao trabalho, como é demonstrado pelo que ele fez nos anos seguintes.

O Padre Andrea Salsi escreve: “Que amor e respeito, que reverência e obediência sempre teve Pe. Marcos para seu pai e sua mãe, mesmo depois que a bela alma de seu pai foi para o céu. Não somente na idade mais avançada, mas também entre o esplendor dos empregos, ele nunca saiu de casa manhã, nem foi dormir à noite sem beijar a mão da sua mãe e pedir sua bênção; ele nunca saiu de casa sem avisar sua mãe e pedir permissão; nem entrou em nenhum negócio sem consultá-la. Eu próprio testemunhei várias vezes, como grande edificação, que esse santo costume de honrar sua mãe assim e mostrar sua reverência filial, continuou também em quanto era sacerdote”. Por isso, fica entende-se que aos 50 anos pedia bênção, e ele professou seu respeito inalterado.

Padre Marcos deixou o palácio familiar, de frente ao Canal Giudecca, somente depois que sua mãe morreu em 1832. Foi ao refeitório, na “casetta”, e pediu, ajoelhado, para ser acolhido e morar com o irmão e os outros noviços e confrades. Foi um momento emocionante, deixado na memória do Instituto.

Mais tarde, a casa familiar dos Fundadores foi vendida, para levar adiante o ideal de sua vida: a educação gratuita de jovens em uma escola e casa de caridade.

A “casetta” foi adquirida de uma série de pequenos e velhos edifícios, na propriedade do estado juntamente com a horta. Apesar de alguns trabalhos de adaptação parcial, ela sempre mantinha a marca da pobreza mais austera por isso com humor P. Antônio e P. Marcos a chamaram precisamente a “casetta”, e assim continuou a indicá-lo até hoje na

¹ A “casetta”, seria uma pequena casa, ou seja, o diminutivo da casa. Em português o termo adequado seria “casinha”. Mas ao longo deste texto, iremos manter o termo original (Casetta) como termo do patrimônio do nosso instituto preservando o mesmo peso semântico.

Congregação. Era um edifício úmido, pouco saudável e austero. Sobre a pobreza real, que Pe. Antônio estava pronto para abraçar, entrando nessa “casetta”, Don Andrea Salsi testemunha que dois dias antes de sair de casa, ele tirou as fivelas de prata e ele doou para ele.

Apesar da extrema pobreza, a atmosfera na “casetta” era boa: havia muita caridade, zelo, espírito religioso e, sobretudo, espírito de família. Era um lugar abençoado. Quando o Padre Marcos Cavanis, forçado a viajar para ajudar a Congregação, essa atmosfera familiar da “casetta” lhe fazia falta. Em uma carta de 11 de junho de 1835, ele escreveu a seu irmão: “Quando chegará esta carta, todos vocês em gloria na missa... Quanta dor para mim por não estar presente feliz em uma grande festa! Mas isso digo *secundum hominem* ou como humano. Agora Deus me quer aqui em Roma, e estou feliz em fazer a vontade dele. Hoje faz quatro meses da minha dolorosa peregrinação, longe da casetta, que me parece quatro anos”.

Em numerosas cartas, Pe. Marcos pede insistentemente ao irmão e às congregados da “casetta” que não se canse de acompanhá-lo com suas orações. Quase não há carta em que não insista em ser apoiado pelas orações; e faz isso com tanta convicção quanto as dificuldades parecem ser superadas. Todo mundo rezava por ele no “casetta”.

Pe. Antônio, de sua “cela ou célula” (é assim são chamado o seu e os outros quartos da “casetta” no Memorial do Instituto) em uma carta enviada a seu irmão, datada de 26 de novembro de 1822, ele escreve: “as boas notícias de sua saúde trouxeram para nossa mãe, para mim, para a casetta, a todos uma imensa alegria”.

Pe. Antônio estava na prática, sempre presente no meio dos jovens religiosos em formação. Ele partilhava com eles a oração, os estudos de teologia e de filosofia, a merenda escolar, a recreação, todo momento do dia. Isso lhe permitiu ter uma ideia clara da qualidade e falha dos formandos. Ele exerceu a primeira e mais importante das “cinco feridas do educador Cavanis”: a *vigilância amorosa*, que consiste no sacrifício do tempo, em dedicar-se totalmente ao serviço como formador, com generosidade, dedicando-se inteiramente nesta missão tão importante, a qual – era consciente que – dependia o futuro do Instituto.

Ele conhecia o coração dos clérigos, e eles, por sua vez, deram-lhe o coração. Muito importante na “casetta”, a ótica da *vigilância amorosa*, pois não eram apenas nos momentos de oração, estudo e trabalho, mas também de lazer. Escreve Pe. Paoli, testemunha da primeira mão da santidade dos Fundadores: “Pe. Antônio era a alma de todos nas recreações, às quais sempre interveio, a não ser que seja absolutamente impedido pela doença”.

A Teologia na “casetta”

Os Fundadores, durante a vida deles, fizeram todo o possível para obter liberdade para o estudo filosófico e teológico dos clérigos do instituto. Considerando a experiência dos anos em que os enviaram ao seminário patriarcal para estudar, eles estavam firmemente determinados a mantê-los na “casetta”, para que pudessem receber uma verdadeira

formação de acordo com o carisma, gastando o máximo de tempo possível, sob seu olhar atento, para poder conhecê-los e observá-los cada vez melhor, em todas as suas manifestações, e poder iniciá-los em experiências pastorais guiadas, especialmente no contato com os jovens.

A conquista, no entanto, não foi pacífica, e até os Cavanis terem professores, todos eles membros da congregação continuaram a ter tribulações. Mas eles não cederam; e sim eles apenas se resignaram a enviar seus clérigos para fazer exames no seminário. Eles estavam convencidos de que, agindo de maneira diferente, eles não poderiam “formar o espírito nas práticas e nos encargos instituto” e que deveriam cumprir seu dever até o fim.

A tenacidade que demonstraram ao longo da vida pela liberdade da formação dentro da “casetta” é notável: eles estavam convencidos de que os clérigos do instituto tinham que ser formados de acordo com seus próprios critérios, independentemente da interferência do governo, em um ambiente familiar, sob o olhar atento da *vigilância constante do amor*. Eles tinham plena consciência de que era seu dever de Fundadores, sua resposta fiel a uma vocação específica, reconhecida como vinda de Deus. Eles sentiram que tinham que transmitir seu espírito a seus filhos espirituais, dentro dos muros da “casetta” e não em nenhum outro lugar.

Diante das dificuldades encontradas na obtenção do estudo filosófico e teológico para os jovens aspirantes do instituto, o Pe. Marcos disse: “Para ter certeza de que Deus não deseja nos conceder o estudo das ciências em casa, eu tive que usar todos os meios que me permitissem obtê-lo. Agora, no momento presente, eu usei a caneta. Eu ainda tenho minha língua”. Essa obstinação e essa convicção fazem pensar: a formação Cavanis foi percebida desde o início como algo *específico e insubstituível*, como a única garantia para o futuro do novo Instituto. O Padre Antônio e Padre Marcos disseram sabiamente que a ela dedicaram a flor da energia.

Entrando, é em contato com os Fundadores que o *espírito da nova obra* pode ser absorvido. A primeira geração dos Padres Cavanis, formados pelos Pe. Antônio e Pe. Marcos, testemunha por unanimidade a importância desse *contato pessoal* em um ambiente especial e exclusivo.

Pe. Antônio formador na “casetta”

Ao Padre Antônio quase exclusivamente foi confiada a responsabilidade de estabelecer a disciplina religiosa na comunidade da “casetta”: a formação de clérigos, a direção da obra.

Os clérigos podiam observar muitas coisas interessantes da vida dos dois Fundadores diariamente. Observamos abaixo, entre os muitos, dez elementos ainda atuais da formação dos Cavanis na “casetta”. Eles são um Decálogo que pode nos ajudar ainda hoje, em nossa Congregação que se tornou internacional, multiétnica e multicultural.

- 1) Era normal o padre Antônio consultar o padre Marco antes de qualquer decisão mais ou menos importante. E às vezes os dois discutiam, até *ter divergência*, mas no final eles sempre encontravam uma maneira de chegar no acordar. Esse traço

- de franqueza e liberdade no relacionamento pessoal, permanecerá muito marcado pelos religiosos em formação.
- 2) Padre Antônio era formador sobretudo com vida. Mais do que um homem de muitas palavras, ele era um homem de silêncio, estudo e oração. Suas cartas para jovens religiosos não são numerosas; elas geralmente são curtas e expressam sua preocupação com a formação no espírito do instituto. Elas são cheias de doçura e encorajamento.
 - 3) O profundo espírito de fé, que animou toda a vida de Pe. Antônio, vibrou de maneira particular em seus ensinamentos aos clérigos. A este respeito, Pe. Casara escreve: “Você podia vê-lo completamente absorvido pela verdade que ele anunciava, apaixonado; e à doçura do santo amor pelas verdades mais sagradas da fé foram acompanhadas por palavras, atitudes, gestos, aparência e tudo contribuiu para impressionar aqueles que a ouviram e para infundir-lhes a doce união de sua misericórdia e amor ardente “. Na” casetta “, não só a teologia era ensinada, mas também o amor da teologia.
 - 4) O amor pelo estudo da Sagrada Escritura também era singular no Pe. Antônio, pois possuía um excelente conhecimento, como pode ser visto nas anotações dos exercícios espirituais. Não era apenas competência e profissionalismo, mas amor autêntico. Esse amor o fez também escrever nas Constituições a regra da leitura diária de um capítulo do Novo Testamento, a ser feito *flexis genibus et nudo capite*.
 - 5) Devemos então destacar a veneração, o respeito, a fidelidade, que Pe. Antônio professava em relação à Igreja em geral e ao Papa em particular. Essa atitude era nele o fruto de convicções íntimas de fé, que o tornavam sensível e delicado, o faziam viver intensamente o espírito da Igreja expresso nas disposições e diretrizes, na liturgia, em seus felizes e tristes acontecimentos. Padre Casara usa uma expressão interessante para descrever essa sensibilidade dos dois irmãos: ele a define como “**um finíssimo toque católico**”, e descreve-o com palavras que fazem você pensar: “Ambos tinham um sentimento espiritual tão requintadamente e delicadamente católico, que perceberam imediatamente se, em discursos ou trabalhos escritos, havia conceitos, palavras ou espírito não totalmente em conformidade à fé e espírito da Igreja”.
 - 6) O padre Giovanni Paoli, testemunha “de primeira mão” da santidade dos Fundadores, escreve: “O Padre Antônio tinha arte de conciliar veneração e respeito pela autoridade do superior que ele tinha, e ao mesmo tempo atrair o afeto dos religiosos. Pode-se dizer com verdade que não pode haver, se não um santo, que saiba reconciliar reverência e amor. Um do seu olhar, um aperto de mão, uma palavra foi suficiente para reprovação severa ou doce conforto de qualquer pessoa”. E acrescenta, com um toque de ironia: “Quem quisesse algo dele, basta que se apresentasse a ele depois de confessar, ou depois da Missa, ou da comunhão, ou depois da Liturgia das Horas”. Esse carinho se deve à familiaridade, à convivência, ao passar muito tempo na comunidade. O padre Paoli conclui: “O Pe. Antônio estava verdadeiramente unido ao coração dos clérigos: ninguém jamais esconderia algo dele, sabendo que ele estava lidando com um pai”.

- 7) Quando o primeiro noviço deixou o Instituto, em 18 de maio de 1825, o Padre Antônio reuniu toda a pequena comunidade, composta por apenas cinco clérigos na época, e disse-lhes, como Jesus aos apóstolos, quando muitos dos discípulos foram embora: “Querem vocês também ir embora? A Congregação não precisa de você: mas você precisa, se for chamada a ela”. Aqui podemos ver a liberdade de espírito do formador maduro, que não liga as pessoas a si mesma e não procura cumplicidade, mas alimenta a liberdade pessoal e a primazia do plano de Deus.
- 8) Pe. Paoli destaca outro ponto do Pe. Antônio como formador de clérigos: “Maravilhoso era nele o segredo de acalmar a consciência. Para quem hesitou em ser ordenado padre, na noite anterior, que era sexta-feira santa, por volta da meia-noite, ouvindo-o em confissão, ele disse com emoção sincera: “Vá, meu filho, vá com coragem ao altar. Até agora você tem sido um sinal da misericórdia de Deus, a partir de agora você será seu instrumento e ministro. Vá, porque o Senhor é sua herança”.
- 9) Mais uma vez, o Pe. Paoli testemunha outro aspecto da pedagogia do Pe. Antônio, como formador às virtudes sólidas e especialmente ao amor à pobreza, “o maior patrimônio do Instituto”, segundo os Fundadores: “Ele queria que todos observassem as regras *corde magno et animo volenti*, e ele repetia isso com frequência. Ele queria exercer bem a humildade e a obediência. Ele insistia para que as regras fossem lidas cuidadosamente e que todos pudessem compreender perfeitamente seu espírito. Tendo estabelecido a congregação, ele próprio explicava a regra e a decorticava nas palestras de quarta-feira. Ele era muito rigoroso com a comunidade perfeita. Assim, nos primeiros anos, ele costumava visitar as células para ver se havia algo supérfluo”.
- 10) Como jovem sacerdote, sabemos que o Pe. Antônio começou imediatamente a dar um exemplo de diligente zelo, no meio de um clero bastante negligente e burguês. O *espírito de trabalho* foi um dos principais elementos que o padre Antônio tentou inculcar nos formandos. Ele fez isso com palavras sim, sobretudo com o exemplo da vida. Os clérigos podiam ver que a porta da sua célula estava sempre aberta e à noite, mesmo tarde da noite, o Padre estudava, com à luz de velas: preparava o que, na tradição do Instituto, chama de “conferências”, isto quer dizer, momentos de formação. Mas, além disso, ele revisou livros, compôs textos para a escola, estudava a Bíblia, orava, escrevia cartas. É certo que este trabalho na semi-escuridão por longas noites não aliviou seus problemas oculares e isso não nos surpreende, mas se algo nos comove, veja suas assinaturas nos documentos nos últimos anos de sua vida, quando, quasi cego, ele escrevia no papel um “X” com a sua mão trêmula.

Foi com essas coisas que o padre Antônio formou corações e preparou um futuro para a Congregação, cujo objetivo, em seu pensamento e no de seu irmão, era “exercer, junto aos jovens, os deveres não tanto de mestre quanto de pai”.

Pe. Marcos Formador na “casetta”

Os dois Servos de Deus educaram seus clérigos com verdadeira alegria de espírito. Marcos nos mostra vários exemplos disso especialmente nas cartas enviadas à Pietro Spernich (17 de outubro de 1824 e 18 de junho de 1834) e na “circular ao baroncelli da casetta”(21 de outubro de 1824).

Quando não estava viajando, o padre Marcos edificou a todos na “casetta”: podia ser visto nele, em sua aparência, nas suas atitudes, um traço evidente desse “formidável amor a Deus” (como será expresso por uma testemunha durante o processo da beatificação) que isso o animava. Nos corredores da “casetta”, por exemplo, acontecia que algumas vezes ele parava em silêncio e, pensando que não era visto por ninguém, ele colocava a mão direita no coração, e acrescentando algumas breves orações a esse gesto. Ele celebrou a Missa em um espaço que não era longo nem curto, mas com uma memória muito edificante e com uma expressão de piedade autêntica, que depois continuou a se manifestar através de um longo agradecimento. Como na missa, assim na recitação do ofício divino, ele se viu tão concentrado, como se não tivesse outras preocupações.

A pobreza da “casetta” não deve ser idealizada ou vista de maneira poética. Nós podemos dizer que isso não ajudou a saúde dos primeiros membros. Com retrospectiva e conhecimento científico que temos hoje, entendemos que umidade, as condições sanitárias, as condições de vida na “casetta” não eram saudáveis. Dizemos isso com respeito, mas também com realismo.

A insalubridade do rio próximo penetrava o solo e permeava o reboco das paredes, o calor abafado no verão, as incrustações, a umidade, o frio do inverno, a dieta e as condições gerais não eram viáveis para todos aqueles que sofrem de doenças pulmonares

A primeira geração de Cavanis pagou um preço alto devido a essas condições. Era um sofrimento continua, para o padre Marcos, assistindo à morte dos aspirantes do Instituto em idade bem jovem. As esperanças se esgotaram, deixando o coração dos Fundadores rasgado, mas sempre ficaram cheio de esperança. Se a obra é de Deus – eles disseram – ela terá um futuro.

Podemos observar um aspecto da psicologia do Padre Marcos, como formador na “casetta”. Cada vez que um jovem aspirante morria, ele escrevia uma necrologia detalhada, com o coração tocado e um coração de pai. O que é surpreendente nessas necrologias, é o nível de conhecimento profundo que ele demonstrava da pessoa. Com o coração de um pai, ele traçava o perfil humano e espiritual do falecido, destacando suas características, indicava suas virtudes que permanecerão como exemplo para os fiéis, e nem tenha vergonha de mencionar, com gentileza e doçura, com prudência e respeito também os limites, as fragilidades, as lutas sofridas. Esse realismo, essa franqueza, essa honestidade intelectual que evita fáceis idealizações hagiográficas, diz-nos que tipo de homem era o Padre Marcos. Mas isso também nos dá um vislumbre de outra coisa: somente aqueles que tinham conhecimento direto, pessoal, prolongado e frequente, poderiam oferecer uma descrição mais precisa e afetuosa da pessoa.

As necrologias ou obituários escritos por Padre Marcos parecem ser relatórios detalhados sobre os candidatos à vida religiosa: realista, honesto, prático, objetivo. Aqui, o olho do formador pode ser vislumbrado, numa perspectiva de um homem de Deus, que sabe ver com o olhar da fé, sem ser enganado pelas aparências, mas examinando o coração, os sentimentos, as emoções.

É verdade que Pe. Marcos teve que estar ausente por questões burocráticas, para encontrar fundos para novo instituto em nascimento e para defender a causa da educação. Mas ele não era um pai ausente. Ele não era um formador com o coração em outro lugar. Seu espírito estava sempre na “casetta”, como ele escreveu várias vezes nas suas cartas. Mesmo quando ele estava viajando, o pensamento, a oração, o carinho, a preocupação, tudo se direcionava na “casetta” e para aqueles que, com humor, ele chamava de “baroncelli”, ou seja, os jovens em formação. Estes estavam no centro de suas preocupações e pensamentos.

Os “nossos trabalhadores”, é como ele chamava também as jovens em formação, ou seja, a esperança da Congregação. Eram sua preocupação constante: pois ele sabia que o futuro do Instituto dependia da formação desses jovens.

Uma “casetta” de Santos

A prudência sobrenatural guiava os Fundadores para na “casetta”. Neles vivia uma intuição sobrenatural para a santidade.

Pe. Marcos, por exemplo, era admirado pelos clérigos, porque ele pedia conselhos continuamente antes de tomar qualquer decisão importante. O primeiro conselheiro era, obviamente, o seu irmão, a quem ele também consultava durante a viagem. Todos na “casetta” podiam ver isso.

Mas as pessoas a quem ele recorria para pedir conselho eram muitas. Entre os nomes mais importantes podemos lembrar: Santa Madalena de Canossa (fundadora das Filhas e Filhos da Caridade, canonizada em 1988), S. Gaspare Bertoni (fundador da Stimmatini, canonizado em 1989), S. Ludovico Pavoni (fundador dos Filhos de Maria Imaculada, canonizado em 2016) e S. Vincenzo Pallotti (fundador da Congregação e Sociedade do apostolado católico, canonizado em 1963). Deve-se também dizer, no entanto, que se ele humildemente recorria à prudência e experiência de outros, também os outros, por sua vez, se voltaram para sua prudência e experiência, assim como Madalena di Canossa e S. Ludovico Pavoni. O próprio Rosmini (fundador do Instituto da caridade, beatificado em 2007) o amava profundamente, visitou-o na “casetta” e recomendou-se à sua oração.

O século XIX foi um século difícil, mas também um século de Santos. Os jovens Cavanis em formação eram cientes de viver na companhia de dois santos, que por sua vez tinham outros Santos como amigos. Essa impressão benéfica marcou as raízes da Congregação.

Caridade: coração da “casetta” e legado para os Cavanis do futuro

Em seu último discurso à comunidade no dia 16 de julho de 1853, três meses antes de sua morte, Pe. Antônio ainda exortou a todos que “nunca se cansassem ou desanimarem por qualquer dificuldade” e acrescentou: “Vê bem como é necessário implorar ao Senhor um espírito laborioso, um sentimento de total e constante desinteresse, e um coração animado por um sofrimento invencível; mas, seguindo os exemplos do nosso glorioso pai José Calasanz, não posso deixar de recomendá-los de maneira especial um espírito de constante firmeza”.

A caridade fraterna que o Pe. Antônio havia testemunhado na casetta ao longo de sua vida, até o recomendou alguns momentos antes de morrer, como atesta o padre Sebastiano Casara. Quem escreve, depois de receber a viática, “Pe. Antônio me disse para recomendar a seus companheiros caridade, na qual sempre estivemos estreitamente unidos. Esta foi a única recomendação que ele me fez antes de morrer. “

Após o funeral do Pe. Antônio, foi o próprio Casara que, em seu quarto, surpreso, encontrou em seu diário, vinte anos antes, no retiro realizado antes da instituição canônica da Congregação, o Pe. Antônio havia falado da caridade fraterna com tanta força e fervor “que parecia um São João. E concluiu dizendo que, na hora da sua morte, ele não poderia ter nos dado outra lembrança além desta: amai-vos reciprocamente”.

E assim, de fato, o Padre Antônio morreu na “casetta”.

Do jeito que ele profetizou vinte anos atrás.

(traduzione a cura del Rel. Hervé Koto Mbuta)